



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 19 – Ano X – 05/2021
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

O caráter epistemológico do atraso como instrumento de interpretação de Brasil na obra de Manuel Bonfim e Oliveira Vianna sob a ótica de Dante Moreira Leite.

Sara Esther Dias Zarucki Tabac
Doutoranda em Ciências Sociais PPCIS - UERJ
Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ / RJ – Brasil
<http://lattes.cnpq.br/4901773895168381>
E-mail: sara.zarucki@gmail.com

Resumo: Este artigo procura analisar as descrições sobre as perspectivas de atraso como instrumento de percepção da realidade latino-americana e brasileira na obra de Manuel Bonfim e Oliveira Vianna, respectivamente em seus ensaios “A América Latina: Males de Origem” e “Instituições Políticas Brasileiras”. Para essa percepção será estimulado dentro da obra desses autores cada construção analítica. Em Manoel Bomfim o problema dos males está em sermos uma nação que sofre do parasitismo social sendo sensível assim a degeneração moral pois as sociedades civilizadas está sempre renovando seu poder às custas das classes inferiores retirando como um parasita suas riquezas e bens importantes. A partir dessa descrição biossocial o autor realiza assim sua crítica ao regime colonial aplicado às colônias americanas pelos países ibéricos. Será usado como instrumento analítico inicial o trabalho de Dante Moreira Leite denominado “Caráter Nacional Brasileiro: Descrição das características psicológicas do brasileiro através de ideologias e estereótipos” e em Oliveira Vianna a separação no caso do Brasil é estabelecida pela separação entre dois grupos que seriam a “pequena elite em formação” e o “povo massa” esses seriam caracterizados principalmente pela ausência de espírito público.

Introdução

Este artigo procura analisar as descrições sobre as perspectivas de atraso como instrumento de percepção da realidade latino-americana e brasileira na obra de Manuel Bonfim e Oliveira Vianna, respectivamente em seus ensaios “A América Latina: Males de Origem” e “Instituições Políticas Brasileiras”. Para essa percepção será estimulado dentro da obra desses autores cada construção analítica. Em Manoel Bomfim o problema dos males está em sermos uma nação que sofre do parasitismo social sendo sensível assim a degeneração moral pois as sociedades civilizadas está sempre renovando seu poder às custas das classes inferiores retirando como um parasita suas riquezas e bens importantes.

A partir dessa descrição bio- social o autor realiza assim sua crítica ao regime colonial aplicado às colônias americanas pelos países ibéricos. Será usado como instrumento analítico inicial o trabalho de Dante Moreira Leite denominado “Caráter Nacional Brasileiro: Descrição das características psicológicas do brasileiro através de ideologias e estereótipos” e em Oliveira Vianna a separação no caso do Brasil é estabelecida pela separação entre dois grupos que seriam a “pequena elite em formação” e o “povo massa” esses seriam caracterizados principalmente pela ausência de espírito público.

Dante Moreira Leite foi um cientista que conseguiu contemplar diversas esferas de análises sociais e psicológicas. Seu trabalhos sempre buscaram entrelaçar a sociologia e a antropologia (coletivo) e da psicologia (o indivíduo).

Interessante notar que no levantamento de seu trabalho, essa interlocução esteja sempre presente e é assim, encontrada em suas outras obras . Esse trabalho irá esmiuçar o caráter sociológico e antropológico existente em seu trabalho, denominado “Caráter Nacional Brasileiro: Descrição das características psicológicas do brasileiro através de ideologias e estereótipos”.

Nesse trabalho, o foco analítico se concretiza no levantamento a respeito dos aspectos sociológicos e psicológicos das ideias que constroem um imaginário popular sobre o caráter nacional. Ponto esse fundamental que será trabalhado por diversos autores do pensamento social brasileiro.

Essa linha argumentativa se desdobra em algumas percepções anteriores ao tema em si. Para Dante a essência desse argumento pode ser encontrada em

uma reflexão sobre o etnocentrismo e na relação sobre estereótipos de várias nacionalidades. O debate inicia no século XIX e no século XX onde segundo Dante Leite seria um momento extremamente influenciado pelo aparecimento das teorias racistas. Segundo o autor é importante compreender não somente as teorias biológicas como também o pensamento histórico do século XIX sendo assim um momento de grandes conflitos ideológicos sobre as teorias sobre nações.

De volta a Dante Leite, apresenta algumas críticas existentes nas teses Gobineau, Taine , Fouillée e Letourneau mostrando de que forma o século XIX e XX foram séculos que construíram modelos superficiais. Nessas teorias o autor encontrou sempre a explicação pela raça (mesmo que em graus diferentes nesses autores), a explicação pelo caráter geográfico e a aceitação de um evolucionismo linear cuja meta seria a sociedade ocidental.

O que para o autor, essa construção de a partir de um evolucionismo social e cultural aceita que a meta seja a sociedade ocidental vistas sob a ótica de um “lamarckismo social” e mesmo por uma ótica darwinista social, que teria como ponto fundamental a percepção das sociedades como estando presentes em um processo evolucionista onde seria necessário uma “luta pela vida” com a sobrevivência do mais apto.

1.1 – Dante leite e os males de origem em Manoel Bonfim.

Manoel Bonfim (1868 – 1932) foi médico, psicólogo, sociólogo, pedagogo e historiador. Sua formação heterogênea se expressa em sua obra “Males de origem” uma vez que em vários momentos do texto é feita uma associação com os aspectos biológicos e sociológicos da formação do povo latino-americano.

Essa obra foi muito importante a época mas hoje se encontra quase esquecido pelas ciências sociais brasileira , pois seu trabalho estava detonante da maioria a sua época e portanto pouco utilizadas nas academias brasileiras.

O resgate de Manoel Bonfim se deve ao livro de Ronaldo Conde Aguiar ,Manoel Bonfim : o ensaísta esquecido publicado a partir de dissertação de mestrado apresentada na UNB, por sugestão do Professor Doutor Aluizio Alves

Filho Cientista Político, também autor de Manoel Bomfim, combate ao racismo , educação popular e democracia radical.

Irei focar nesse artigo nos pontos principais da obra de Bonfim que estejam ligados a percepção do autor sobre o caráter nacional e as características fundamentais que fazem da América Latina ser o que ela é. Segundo Dante Leite, esses autores estavam preocupados com a construção de um imaginário social .

Dante questiona: “Até que ponto existe influência das condições de vida sobre a forma e o conteúdo das ideias? A partir de onde, e por que processo , podemos chegar a ultrapassar as limitações impostas pelas condições existenciais? Ou não será possível ultrapassá-las?” (LEITE,1954.pág.87)

Exacerbação da sensação de fracasso que impulsiona esses autores as suas interpretações continentais , percebendo mais do que as condições históricas , se referindo a exacerbação das diferenças e na construção de um argumento, estruturado no modo como as ciências naturais foram apropriadas , o evolucionismo , e as leis da hereditariedade e de um positivismo .

Com essas características Dante Leite constrói seu argumento acerca do modelo descrito por autores e focando no caso de Bomfim. No próximo capítulo irei demonstrar na obra do próprio de que forma essas percepções de interpretação de fracasso se estabeleceram de forma legítima.

2 - Manoel Bomfim e seus vícios de origem da América Latina.

Esse trabalho irá focar mais precisamente a obra de Bomfim mais utilizada no meio acadêmico, intitulada “ A América Latina e os males de origem” pelo título se consegue perceber que o autor busca encontrar uma origem para o que ele considera os males , problemas da América Latina e conseqüentemente irá apresentar suas respectivas soluções.

Buscarei salientar as questões mais importantes na obra do autor que preza por uma interpretação biológica e sociológica tendo em vista que seu argumento utiliza os organismos biológicos como instrumento de comparação analítica com as sociedades a partir de uma lei natural de evolução.

Bomfim inicia o livro , no capítulo intitulado :“A América Latina- Estudo de parasitismo social” realizando uma apresentação sobre a visão europeia acerca do

território latino americano e de um imaginário acerca do que seria o continente. O que é descrito se confunde com um mundo lendário cheio de riquezas na construção de uma visão única da América do Sul mesmo com suas particularidades (os países).

A partir desse modelo construído de riquezas e bens, o autor mostra a necessidade de homens dignos e sábios venham ocupar essa região e poder assim utilizar de forma apropriada essas riquezas pois a Europa já não dá conta do seu grande número populacional e por isso:

Não tira os olhos do continente legendário. O conceito em geral está exposto dessa forma: “ É lastimável e irritante que, enquanto a Europa , sábia , civilizada , laboriosa e rica , se contorce comprimida nestas terras estreitas , alguns milhões de preguiçosos , mestiços degenerados , bulhentos e bárbaros , se digam senhores de imensos e ricos territórios , dando -se ao rastaquerismo de considerar -as nações ” (BOMFIM, 1993.pág 39)

Tendo em vista as atribuições realizadas pelo autor, fica claro o caráter pessimista acerca da construção da cultura latino-americana do atraso. Esse argumento ainda será mais discutido e aprofundado ao longo dessa obra.

Dando continuidade a essa relação, Bonfim observa que há sim uma vantagem para a Europa e para toda a humanidade e civilização em conhecer a situação dos países latino americanos pois segundo o autor esse juízo universal condenatório ao nosso respeito : Somos a criança a quem se repete continuamente : “Não prestas pra nada ;nunca serás nada...” e que acabará aceitando esta opinião ,conformando-se com ela, desmoralizando-se , perdendo todos os estímulos”.

Bonfim considera que os povos sul – americanos apresentam hoje um estado que difícil mente pode lhe dar o direito de serem considerados povos civilizados. Nós seríamos povos que estamos cada vez mais retardando e se distanciando cada vez mais da civilização moderna e a continuidade dessa relação sendo mais atrasados somos mais fracos e assim, infelizes.

No segundo capítulo da obra, denominado Parasitismo e degeneração; organismos biológicos e organismos sociais são realizados um levantamento teórico influenciado claramente pelo positivismo de Auguste Comte. Além de Comte

observa-se claramente uma forte presença da sociologia Durkheimiana uma vez que ambos os autores utilizam a ferramenta biossocial e observa assim a sociedade como organismos biológicos sujeitos a degeneração:

como organismos vivos , sujeitos , por conseguinte , a todas as leis que regem a vida e a evolução dos seres, mas em considerá-los como simples organismos biológicos ...uma verdade , porém, é hoje universalmente aceita- que as sociedades existem como verdadeiros organismos , sujeitos como os outros a leis categórica (BOMFIM, 1993.pág. 51)

A partir dessa constatação feita pelo autor, fica claro após essa perspectiva a construção epistemológica do autor da sociologia como ciência. Uma ciência voltada para o estudo de fatos sociais dependente de leis e perceptíveis a ação do tempo e do meio: “As sociedades obedecem a leis de uma biologia diversa da individual nos aspectos, mas em essência idêntica” (BOMFIM .1993 pág 52)

Tendo em vista seu ponto analítico , observa-se o questionamento feito pelo autor em relação a falta de uma explicação estrutural a respeito do atraso que está condicionado as nacionalidades sul – americanas. O meio é um argumento forte na estruturação do autor tanto quando a história fazem parte uma vez que segundo ele : “ nas condições de formação das nacionalidades sul – americanas , que reside a verdadeira causa das suas perturbações atuais : é por um lado, estas perturbações , estes males são absolutamente os mesmos- mais ou menos atenuados- em todas elas; nas mesmas condições , foram educados pelos mesmos processos, e esses males eles os vêm sofrendo desde o primeiro momento” (BOMFIM .1993 pág 53).

Nesse parágrafo fica clara a busca de uma interpretação de América Latina voltada diretamente para o reducionismo histórico e social pois a partir das visões do autor mesmo com algumas diferentes históricas os vícios estão presentes em todas as nacionalidades

Da mesma forma que organismos biológicos se constituem como parasitas em determinados animais, Bomfim demonstra que há um organismo social que vive parasitam ente sobre o outro pois este tira o trabalho do outro grupo social pois o parasita se enfraquece , decai , degenera e extingue-se. Com essa básica associação, o autor mostra de que forma a partir da influência de uma teoria do parasitismo social, há a construção de sociedades civilizadas que conseguem sua renovação as custas de outras sociedades inferiores.

Concluo a apresentação das ideias em Bomfim, apresentado seu capítulo denominado “ Efeito do parasitismo sobre as novas sociedades” nesse momento é mostrada as consequências desse regime parasitário realizado entre as metrópoles ibéricas e suas colônias americanas, de forma a realçar de que forma as colônias sul – americanas se mantiveram frente a essa relação predatória.

Para Bomfim, dentro os efeitos encontramos:

“O enfraquecimento do parasitado; as violências que se exercem sobre ele, para que preste uns tantos serviços ao parasita –além do encargo capital de nutri-lo; finalmente , a adaptação do parasitado às condições de vida que lhe são impostas” (BOMFIM .1993 pág 55).

Na vida social , econômica política e intelectual também encontramos vestígios dessa relação pois esses são reflexos de uma parasitismo geral. O autor percebe que com o parasitismo , há mudanças em diversas esferas dessas sociedades. Dentre as mudanças , cito o caso do aparelho político administrativo que passa a ser utilizado a serviço de interesses voltados a retirar as riquezas das nossa produção colonial . As instituições sociais também sofreriam com as mudanças pois seriam uma representação errônea das instituições da península.

3 - Oliveira Vianna e sua república de pássaros

Uma outra interpretação sobre o atraso , neste caso sobre o do Brasil, encontramos em Oliveira Vianna, em seu livro Instituições Políticas Brasileiras. Trata-se de uma outra forma de compreensão dessa perspectiva do atraso do Brasil através da comparação com os modelos de modernidade dos Estados Unidos e da Inglaterra. No capítulo do referido livro, “O conteúdo Ético da Vida Política Brasileira”, seu objeto específico foca essencialmente nesse debate sobre como analisar a formação social do povo brasileiro e como de certa forma, isso se desdobra na vida pública nacional sob um modelo norte americano e inglês. O autor inicia o debate na busca de compreender o que seria o “complexo democrático da Nação”, encontrado somente numa pequena elite com formação privilegiada. Sua análise então se debruça sobre os ideais de comportamento cívico tendo em vista a relação entre o civismo e o “povo-massa” que é majoritário no Brasil.

Observando essa perspectiva Oliveira Vianna realiza uma análise desse comportamento cívico de forma mais profunda no decorrer ao discurso. Para ele o comportamento do eleitor e sua análise em relação ao Estado se encontram de maneira bem diferentes. Esse é o ponto crucial, onde o autor explora de forma precisa as diferenças entre o modelo de democracia brasileira e o americano e inglês, mostrando como são construídos e a partir de quais paradigmas foram usados para a criação dos modelos institucionais brasileiros.

Para início, ele observa a conjuntura encontrada nas análises municipais, provinciais e nacionais. Ressalto que o olhar do autor é focado no período do Império. A análise que será feita nesse momento onde a tentativa de encontrar a linha argumentativa de percepção de construção do modelo político social brasileiro está presente desde o trabalho do autor em Populações Meridionais do Brasil e deuse continuidade no Instituições Políticas Brasileiras. Eis uma passagem importante que expõe o argumento acima descrito:

escudei-lhes, por fim, a sua consciência de Estado Nação e seu sentimento de interesses da coletividade nacional:- e reconheci que eles, como grupo social, como povo-massa, careciam também do 'complexo democrático da nação'.....era apenas uma ideia de pequeno coeficiente emocional e, portanto de pouco poder de coerção e determinação. (VIANNA, 1999, Pág. 293)

O desenvolvimento do tema faz com que Oliveira Vianna considere dois grupos presentes no Brasil: a “pequena elite em formação” e o “povo-massa”. No título “O conteúdo psicológico da atividade política brasileira e a carência de motivações coletivas nos comportamentos partidários”, ele mostra a fragilidade, a “carência”, a falta de algo que supostamente existe em algum lugar. No lugar desta ausência, teria se implantado um individualismo privatista cujas causas devem ser analisadas. Para compreendê-lo, é preciso, segundo o autor:

estudar o meio social e cultural, dentro do qual evoluiu o zoom político brasileiro, observando-o nos centros genéticos de sua formação e evolução. Quero dizer: no campo, nas populações rurais, através dos grandes domínios e das suas instituições sociais. (VIANNA, político 295)

Para isso, será preciso, segundo Oliveira Vianna, observar de forma mais profunda visto que se deu a construção do eleitorado nacional. Esse ponto é essencial e será o diferencial para distinguir o que ocorre no Brasil do modelo inglês

e estadunidense. Observando o sistema eleitoral brasileiro, o autor reitera a deficiência do eleitorado rural pela ausência de cultura do bem público e do interesse geral:

Esse povo, essa massa, só poderá adquirir uma cultura cívica ligada ao interesse público a partir da escola dos costumes, isto é, através do seu direito público costumeiro. Nessa passagem é notório perceber que a solução, segundo o autor, não se encontra nos mandamentos da Constituição mas, sim na construção e consolidação das instituições políticas brasileiras e seu contato com o povo-massa:

para a educação política do povo só há uma escola eficiente – a escola dos seus costumes, das suas tradições, dos seus usos, das suas instituições sociais, do seu direito público costumeiro, em suma. São essas tradições, estes usos, estas instituições sociais, esse direito público costumeiro que depositam, dentro da consciência de cada cidadão, esta capacidade, esta ‘consciência jurídica pública.’ (VIANNA .1999.pág 297)

A necessidade da criação do que ele chama de “consciência jurídica pública” é o ponto ausente no processo de construção da democracia brasileira. A população rural está a mercê do dono de engenho, senhor de terras que acaba se tornando o domínio da força e não do direito. Os moradores se tornam eternos dependentes desse senhor de terra. Como o autor afirma,

O povo-massa dos nossos domínios não tinha, no IV século, nem nunca teve antes, poder algum a quem recorrer contra esta autoridade onipotente e ilimitada. Desde o século I, o homem do povo-massa esteve sempre só isolado diante do senhor de terra.(VIANNA.1999.pág 301)

Ao analisar a Constituição republicana de 1891, Oliveira Vianna aponta o idealismo utópico das elites brasileiras na construção das estruturas do Estado Nacional, que presumem equivocadamente a existência do “novo cidadão” segundo um modelo inglês (citizen). No entanto, o Brasil não teria tido de fato uma elite formada para a visão realista do país, bem como não teria um povo sociologicamente treinado no trato da “coisa pública”. A utilização do modelo inglês como referencial do moderno, então, se por um lado demonstra a preocupação das elites na construção de um imaginário político, por outro não tem progressos pela carência de substância cívica. A observância do interesse público se converte em “obediência e autoridade do chefe”, hierarquicamente estruturada.

As razões desse desvirtuamento das instituições se encontram na sociologia agrária brasileira. No latifúndio – ou no “feudo”, como pretende Oliveira Vianna – a autoridade estabelecida era a do senhor de engenho, uma força de autoridade absoluta que não conhecia limites entre o público e o privado. Diante dos interesses administrativos necessários para sua terra e para a fortificação da província, a população ficava afastada da noção de um interesse público geral do modo como o compreende o modelo liberal.

A base conceitual das diferenças apontadas entre o modelo inglês e o brasileiro é demonstrada, em Oliveira Vianna, pela afirmação de que o interesse público não teve base para aqui se desenvolver:

As mesmas instituições (cartas); mas as condutas (activities), num outro caso, não podem ser as mesmas porque os respectivos estereótipos que as condicionam e determinam não são, como estamos vendo – nem como emoção nem como ideias – os mesmos no inglês e no brasileiro. No espírito inglês estes conceitos – à medida que caminham para a execução – encontram, no seu percurso subconsciente, elementos de reforço, excitação e acrescentamento que, de modo algum, podem encontrar no espírito brasileiro. (VIANNA, 1999. pág. 309)

Oliveira Vianna reforça o argumento sustentando que “o único tipo de “comunidade agrária” que o Brasil teria conseguido constituir teria sido a “fazenda” ou o “engenho de “açúcar”, questionando a validade de se atribuir a estas duas estruturas sociais o título de “comuna agrária”. Nelas falta autonomia, independência; o que as caracteriza é o tipo subordinado, autoritário e feudal. Ao invés de se educarem nos princípios do interesse público, era o valor da obediência à autoridade que o povo-massa ali tinha por costume político.

O povo dos ‘moradores’, subordinado ao senhor de engenho ou da fazenda, vivia à margem, sem participação direta e autônoma na administração da economia produtiva e social do engenho ou da fazenda. (VIANNA,1999.pág 304) E quando agiam em comum era para realizarem exclusivamente fins pessoais do grande proprietário ou para servirem aos membros da família senhorial. (VIANNA, 1999.pág 305)

A comparação entre as comunas agrárias – que Oliveira Vianna vai buscar no passado feudal da Europa – e as estruturas rurais do Brasil sustenta seu argumento. Enquanto lá elas teriam sido escolas do interesse público, no Brasil,

teriam promovido a educação inversa: “estas microestruturas europeias são, exclusivamente, organizações de fins coletivos, já os domínios e engenhos o são exclusivamente de fins pessoais ou de clã parental – e a diferença é substancial, qualificativa.” (VIANNA, 1999. pág 306)

O senhor de engenho é decisivo nesta configuração. Ele foi o protagonista da história do país em todos os séculos de colonização e no Império, tendo excluindo o povo de qualquer participação nos negócios públicos: “de qualquer uma delas o nosso povo-massa esteve sempre – seja legalmente, seja praticamente – ausente durante todo o curso da nossa história política e administrativa, isto é, durante 400 anos.” (VIANNA, 1999. pág 305) Foi sob estas instituições, formatadoras do costume político do povo-massa, que se esvaziaram as motivações coletivas que levariam ao civismo. E foi a partir desta estrutura social e seus costumes subjacentes que se construíram os partidos políticos do país, organizados em torno do direito privado. “O “clã feudal e clã parental são organizações rurais voltadas ambas à defesa pessoal dos seus membros, exclusivamente consagradas a este objetivo privado”. (VIANNA, 1999. pág 306)

Ainda comparando a trajetória brasileira ao desenvolvimento de uma cultura pública de direitos na Inglaterra, observa Oliveira Vianna que aqui o Estado é visto como um instrumento a serviço dos interesses privados dos grupos proprietários privilegiados. “Os órgãos do Estado são para estes chefes de clãs, locais ou provinciais, apenas uma força posta à sua disposição para servir aos amigos e aos seus interesses, ou para oprimir os adversários e os interesses destes.” (VIANNA, 1999. pág 308) Embora para ele o modelo ideal de democracia seja o inglês, esta pressupõe costumes que não estão inscritos no povo-massa, em função da história do país:

Democracia, ao modo do mundo moderno, tal como conceberam os teóricos da soberania do Povo e tal como vemos realizada entre os povos saxônicos, só existiria aqui - estendida a um âmbito nacional e como forma prática, eficiente, viva de governo e de administração – se a consciência cívica de cada cidadão eleitor e de cada exercente de cargo público, cada cidadão contivesse, no campo da sua consciência e sensibilidade – diga-se: no seu “complexo político. (VIANNA, 1999. pág 308)

Interessante notar como para o autor é importante essa permanente comparação com o modelo inglês. Para ele o cidadão inglês possui toda a estrutura e o interesse geral na Inglaterra. “É nisso que a viva democracia inglesa difere da nossa democracia de aparências”. (VIANNA, 1999. pág 308) Eis um trecho contundente:

Essa diferença na intensidade destes conceitos, fundamentais e instrumentais nos regimes democráticos, é que faz com que seja inteiramente diferente a democracia no Brasil da democracia na Inglaterra. São as mesmas as instituições (cartas); mas as condutas (pág.), num e noutro caso, não podem ser as mesmas, porque os respectivos estereótipos que as condicionam e determinam não são, como estamos vendo – nem como emoção nem como ideias. (VIANNA, 1999. pág. 309)

Apesar das estruturas institucionais poderem ser semelhantes – as do Brasil e da Inglaterra –, o comportamento político faz toda a diferença no que se refere ao funcionamento daquelas instituições. Sua abordagem é declaradamente “culturológica”, mas ancorada na estrutura agrária que não permitiu o desenvolvimento de uma cultura efetivamente pública: “Não tínhamos, na verdade, base culturológica para servir ao funcionamento da democracia que organizamos, isto é, para o funcionamento democrático de um Estado tipo nacional” (VIANNA, 1999. pág 309).

Mesmo os partidos políticos são “meras artificialidades” criadas e não realidades sociais nascidas na estrutura cultural do povo. O autor mostra como diante da estrutura agrária que se estabeleceu no Brasil, não é natural, orgânico, mas sim artificial a formatação de um regime democrático.

Na estrutura social do povo brasileiro e no seu direito – costume nas suas tradições de vida pública – não existia, quando instauramos aqui o regime democrático e representativo, nenhuma das condições culturais exigidas como pressupostos necessários para o funcionamento regular de uma democracia de sufrágio universal e direto. (VIANNA, 1999. pág 312)

Indo ao debate acerca do voto e da operação eleitoral, o autor mostra que a estrutura criada na carta de 1824 criou somente instituições esvaziadas de substância: “O que nesta carta estabelecemos foram, realmente apenas duas estruturas novas; novas, não porque não existissem antes mas, novas pela novidade

da sua formação por via democrática.” (VIANNA, 1999. pág 312) Essas estruturas são de origem exógena, não oriundas do seio do povo. Expressam, portanto, “idealismos, de que este povo-massa não tinha conhecimento, que não eram dele, porque saídos das academias e das universidades, vindos da Europa ou da América do Norte.

De modo nenhum saídos do seio do povo, que deles nada sabia, nem estava preparado para realizá-los.(VIANNA, 1999. pág 316) Por isso o autor enfatiza a realização dos partidos políticos como meros instrumentos e enquadramentos artificiais que passavam a serem feitos do modo democrático, sem distinção de quando eram feitos por nomeação. Nessa transformação, “não houve nenhuma mudança de fundo no nosso povo, quando passamos do regime colonial para o regime democrático do império.” (VIANNA, 1999. pág 318)

A exclusão do povo teria sido pensada pela elite, por recusar o direito-costume atrasado e elementar que teria se desenvolvido a partir das nossas estruturas agrárias. Daí que a opção tivesse sido por instituições exógenas, no intuito de encobrir e desconhecer estas marcas do atraso, substituindo-as, artificialmente, por formas superiores, na ingênua crença de que fariam o povo-massa funcionar de acordo com elas. Nas palavras do próprio autor:

Este direito – costume que encontrastes no nosso povo – massa existe, sem dúvida e é um direito vivo; mas, haveis de concordar que é uma forma atrasada e elementar de direito público e de Estado. Por isso mesmo, nós – o povo-elite, educado nas Universidades do país – não queremos admiti-lo como legítimo; nem que continue a dominar nossa vida política...eliminar da nossa estrutura política essas formas atrasadas da Elite e do Estado, substituindo –as por outras formas superiores e mais adiantadas . Por exemplo: por uma democracia no tom e estilo da democracia americana ou inglesa. (VIANNA, 1999. pág 464)

Nesse sentido, a elite reconhece no povo-massa o atraso. Julga, no entanto, poder realizar a transformação pela mudança artificial, idealista das constituições. Ao analisar a Constituição de 1891, Oliveira Vianna chega à mesma conclusão, afirmando que o povo-massa, transformado em eleitor, não se conduz de outra forma que não aquela aprendida durante séculos de latifúndio autárquico. Passam reformadores legais de todas as estirpes, monarquistas e republicanos, mas a

cultura política do povo-massa permanece a mesma, e, com ela, desvirtua-se o funcionamento das instituições:

O erro dos nossos reformuladores políticos tem sido querer realizar aqui – no meio desses nossos rudimentarismos de estrutura e de cultura política – uma democracia de tipo inglês. É um ideal absolutamente inatingível, pura utopia mas, há cem anos entretanto, esses reformadores políticos o têm tomado como o motivo obcecante da sua ação política. (VIANNA, 1999. pág 466)

A busca de modelos exógenos – em particular, o Inglês – sem atentar para a realidade sociológica do país faz com que as cartas constitucionais tornem-se meros instrumentos a serviço da manutenção da ordem vigente. A solução seria então organizar um conjunto de instituições que levassem em conta os costumes políticos desenvolvidos longamente no país, e que tenham como objetivo: “neutralizar a ação nociva das toxinas do espírito de clã do nosso organismo político administrativo e reduzir ao mínimo a sua influência e nocividade.” (VIANNA, 1999. pág 466)

Oliveira Vianna critica portanto a produção de leis que não possuem a eficiência e não mudaram os costumes do grupo. Essa relação entre as leis e os costumes é o ponto central da argumentação de Oliveira Vianna. Assim, define que “as mudanças estão condicionadas à realidade social e exigem que se proceda gradativamente com o espírito de modernização e o senso de objetividade ; que tenha apoio ou assentimento nos costumes e tradições do povo-massa.” (VIANNA, 1999. pág 468) Noutras palavras, “não há como ter reforma política ou constitucional se alteração nas tradições ou em seu direito-costume”. O que deve ser feito, finalmente, é “aceitar resolutamente a nossa condição de brasileiros e as consequências da nossa “formação social” e tiramos todo o partido disso... somos assim porque não poderemos deixar de ser assim; e só sendo assim é que poderemos ser como nós somos”. (VIANNA, 1999. pág 470)

4 – Conclusão

Esse artigo procurou se preocupar com as questões principais voltadas para teorias de Brasil e mais precisamente sobre suas teorias de desenvolvimento sob a perspectiva do atraso e do moderno. Encontramos em cada autor seus argumentos ligados a esse recorte epistemológico . É importante ressaltar não somente a importância acadêmica desse tema mas a ligação desse debate com o senso comum. Necessário constatar que podemos considerar o senso comum tendo uma perspectiva evolucionista e positivista sobre as percepções do Brasil.

Obter uma desconstrução desse pressuposto é um dos objetivos desse trabalho sob os aspectos entre Manoel Bomfim e Oliveira Vianna. Ambos trabalham com a perspectiva do Estado e suas percepções sobre qual seria o papel desse na formação de uma nação. Em Bomfim encontramos um Estado já doente e sendo utilizado como parasita para outras nações colonizadas . Oliveira Vianna observa um Estado complexo e desconexo da realidade social presente no Brasil sendo esse o motivo principal desse modelo regulador que amplia e fortalece as estruturas de atraso e moderno para o Brasil. Concluo esse trabalho levando em conta as dificuldades desses autores em analisarem o caso brasileiro de forma própria sem referências estadunidenses nem europeias.

Referências

Leite, Dante Moreira. *O Caráter Nacional Brasileiro : Descrição das características psicológicas do brasileiro através de ideologias e estereótipos*, 3a ed.Sao Paulo : Pioneira ,1976

Martí , José. " Nuestra America" in: Leopoldo Zea (comp.), *Fuentes de la cultura latinoamericana*,v1.México: Fondo de Cultura Economica ,1993

Sussekind,Flora: Texto Introdutório a obra de Manoel Bonfim: A América Latina. In: SANTIAGO, Silviano. *Intérpretes do Brasil*. 3 volumes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. Vol. 1, p. 607-895. (Obra de 1905)

Bomfim, Manoel. *A América Latina: Males de origem* (1905). Rio de Janeiro, Topbooks, 1993.

VIANNA, Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil*. 1952. LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA, RJ.

VIANNA, Oliveira. *Instituições Políticas Brasileiras*. 1Vol-Fundamentos Sociais do Estado, Brasília : Conselho Editorial do Senado Federal, 1999.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review*)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 05/2021

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424